

TAL SUBJETIVIDADE: QUAL ESCOLA?

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes – a escola em tempos de dispersão*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012.

Sermos contemporâneos não é uma tarefa isenta de riscos: se estivermos atentos aos sinais do mundo, talvez tenhamos a sorte de eles nos perturbarem a ponto de suscitarem o pensamento.

Paula Sibilía

*Madalena Vaz Pinto*¹

No ensaio *Redes ou paredes*, a escola em tempos de dispersão, publicado em 2010, a pesquisadora argentina Paula Sibilía faz uma pergunta instigante e atual que certamente encontra ressonâncias em todos os que trabalham com educação, alunos e seus responsáveis incluídos: será que a escola se tornou obsoleta? A interrogação funciona como ponto de partida para uma ampla pesquisa em que a autora se propõe recuperar a história da tecnologia 'escola', desde a sua constituição até os dias de hoje. A partir de um olhar antropológico e genealógico sobre a questão, trata-se de começar por desfazer a percepção de que a escola é algo 'natural'. Mostrando que ao contrário do senso comum e do hábito introjetado a escola é uma tecnologia de época, e serviu, em seus primórdios, a finalidades bem precisas. Se a escola lida com pessoas, isto é, com sujeitos, o segundo passo é desconstruir a ideia de uma suposta 'natureza' humana, imutável ao longo dos tempos e geografias, mostrando que as subjetividades se constituem por meio de práticas culturais passíveis de historicidade, assim como os corpos e seus usos. Subjetividade e escola enlaçam-se de tal forma neste ensaio, que seria possível adotar a seguinte formulação: tal subjetividade, qual escola.

A reconstituição histórica deste dispositivo mostra que a escola é inventada com o intuito de responder a um conjunto de demandas de um projeto

¹ Doutora em Letras pela PUC - Rio e professora adjunta na faculdade de formação de professores da UERJ - São Gonçalo. É também diretora do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura.

concreto: a modernidade. Demandas essas em muitos sentidos desmedidas, assentes em princípios louváveis, pelo menos idealmente, de igualdade, fraternidade e democracia. É a escola que deve assumir a tarefa de educar os cidadãos à altura desse projeto, com o apoio de volumosos recursos a ela destinados provenientes dos Estados Nacionais. Cabe à escola forjar em cada cidadão uma consciência nacional, através de relatos edificantes sobre heróis nacionais, de comemorações e hinos de modo a construir a ficção de um passado comum e dar consistência à ideia de povo. O método para atingir tais metas seria pautado na disciplina. Só “A disciplina converte a animalidade em humanidade”, como afirmado por Kant em uma de suas conferências sobre pedagogia citadas no livro. Dessa forma é formulada a função básica da instituição escolar: “humanizar o animal de nossa espécie, disciplinando-o para modernizá-lo e, desse modo, iniciar a evolução capaz de convertê-lo num bom cidadão.” Realizada esta etapa, tratava-se de propagar a civilidade de modo a que o homem se adaptasse com êxito aos usos e costumes sociais contribuindo para o progressivo aperfeiçoamento da humanidade. Nessa empreitada de formar o sujeito moderno, a escola contava com o reforço disciplinar de outros dispositivos, tais como a fábrica, o hospital, o quartel, a prisão, que, em conjunto, constituíam o Estado-nação e configuravam aquilo a que Foucault deu o nome de sociedades disciplinares. Na retaguarda, presente desde o primeiro momento e engajada no mesmo projeto de construção de um sentimento de pertencimento e futuro comuns, a família, também ela devidamente, avaliada, disciplinada, dirigida.

Finda esta primeira etapa da análise, a pergunta seguinte a ser feita é “para que serve a escola, hoje?” Se a instituição escolar foi criada para moldar os corpos e as subjetividades segundo os valores da sociedade ocidental, moderna, capitalista, industrial, que corpos e subjetividades caberia moldar hoje, tendo em vista a crise da narrativa hegemônica da modernidade e pensando no nosso futuro como sociedade? Não é possível ignorar as mudanças profundas pelas quais vem passando o mundo desde a Segunda Guerra Mundial até hoje, responsáveis pela percepção comum de desajuste entre escola e alunos que aparece agora sob o signo do anacronismo. Gilles Deleuze, um dos primeiros filósofos a percebê-las e nomeá-las, identificou em

seu cerne a mutação do capitalismo, apoiado nas tecnologias digitais e eletrônicas, por sua vez orientadas pela publicidade e pelo marketing, e interconectadas por redes globais de comunicação. Uma forma de capitalismo mais dinâmico, regido pelo excesso de produção e pelo consumo desmedido. Neste cenário destaca-se a empresa, e não mais a fábrica, como a instituição-modelo da nova ordem, exigindo do sujeito um esforço constante de auto-superação, avaliado segundo parâmetros mercadológicos que atizam a competição entre os indivíduos, estimulando neles a permanente atualização – inclusive da educação. Não é difícil perceber a distância abissal entre esta nova ordem e a escola que aí está, não habilitada para dar conta de tais competências. Não se pense, entretanto, que a análise levada a cabo por Sibilia se esgota na constatação desse desajuste. Esse é justamente um dos maiores méritos do livro. Não se trata de aderir acriticamente ao presente que aí está, de bem dizer as invenções tecnológicas e a conexão em tempo inteiro que daí decorre, mas de com igual rigor fazer a crítica desses aparatos indagando-se sobre as subjetividades que a partir deles estão sendo forjadas. Uma das mudanças que já é possível observar, talvez a mais significativa delas em torno da qual as outras se organizam, é a substituição da consciência interiorizada, própria do sujeito privado e moderno, para uma percepção sem consciência. Se antes a construção da subjetividade do estudante se constituía tendo por base a consciência, a memória e a atenção, e por essa razão uma das funções da escola era educar o aparelho perceptivo de modo a diminuir os estímulos, na percepção contemporânea, dada a velocidade dos estímulos, a consciência não chega a ser acionada. O mal estar contemporâneo, portanto, não decorre do aprisionamento e controle disciplinar, mas sim de uma sensação de dispersão e saturação causadas por um fluxo ininterrupto de informação. O aluno de hoje não sofre por opressão e repressão, mas de tédio e desatenção. A criação de redes está aí a indicar o desejo de tentar habitar, de forma conjunta, a torrente informacional, criando uma densidade que desacelera e permite constituir a experiência. Trata-se de um fato que sinaliza um desejo de resistir ao fluxo, de criar sentido e que pode apontar direções para a escola de hoje. Não cabe gastar energia na negação do mundo que aí está – seja o que vier a ser, a escola deverá lidar com um ambiente hiperestimulado e hiperestimulante – mas de experimentar uma atitude muito

mais difícil e instigante: tentar, nessas condições, conceber modos de subjetivação e pensamento. A genealogia ajuda a entender que não há origem ou essência, que as construções humanas são passíveis de historicidade. Perdidas as ilusões de uma escola outrora perfeita – chega de discursos nostálgicos e paralisantes! – o espaço está aberto para experimentações pautadas no tempo de hoje, fora dos ambientes sufocantes e opressivos. Retirada de cena a organização hierárquica e a disciplina que a sustentava, o professor é convidado a praticar a aproximação, a entrar em sala de aula sem as certezas de outrora, a construir, com os alunos, regras que serão precárias e temporárias, reavaliadas sempre que necessário. O professor é convidado a entender que se trata menos de instruir que de construir junto, olhando os alunos enquanto sujeitos singulares, ciosos também de um solo comum que os estimule e os acompanhe na descoberta do mundo. Este livro de Sibilia nos ajuda no mapeamento da situação e na busca de possíveis caminhos para enfrentar o desafio da educação neste século que se inicia.